

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 24 • 2018

VOLUME COMEMORATIVO DO XXX ANIVERSÁRIO
DO CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS
1988-2018



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2018

**ENTERRAMENTO DO NEOLÍTICO ANTIGO EM FOSSA
NA ZONA RIBEIRINHA DE LISBOA (ANTIGOS ARMAZÉNS SOMMER)***

***BURIAL OF THE EARLY NEOLITHIC IN A PIT
IN THE RIVERSIDE AREA OF LISBON***

João Luís Cardoso¹, Paulo Rebelo², Nuno Neto² & Ricardo Ávila Ribeiro²

Abstract

A single individual burial in a pit was identified in the course of the preventive archaeological intervention carried out in the former Sommer Warehouses, located on the right bank of the Tagus, in the urban area of Lisbon. From the typology of the vessel that accompanied the deposition of a corpses in fetal position, as well as the absolute radiocarbon date obtained, this grave belongs to the Early Neolithic. It is the only occurrence of this nature hitherto recorded in the West of the Iberian Peninsula, and the similarities of implantation of the tombs of El Retamar on the lagoon coast of Cadiz with a similar geographic implantation is emphasized.

Keywords: burial, pit, Early Neolithic, Lisbon.

1 - INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos nos Antigos Armazéns Sommer, em Lisboa, implantados ao longo da antiga frente ribeirinha do Tejo (Rua Cais de Santarém, n.ºs 40 a 64) entre 2004 e 2016 revelaram a extraordinária importância do local. Ali foi reconhecida extensa diacronia que ilustra de forma singular a ocupação humana do território onde hoje se situa o centro histórico da cidade de Lisboa (RIBEIRO *et al.*, 2017).

O espaço em análise encontra-se num quarteirão que se estende ao longo da margem direita do rio Tejo, na base da colina onde hoje se desenvolve o casario de Alfama (Fig. 1), delimitado a Sul, pela Rua do Cais de Santarém, a Oeste pelo Arco de Jesus, a Norte pela Rua São João da Praça e pela Travessa dos Armazéns do Linho, e a Este pela Travessa de São João da Praça.

* Trabalho coordenado pelo primeiro signatário com base em elementos fornecidos pelos restantes signatários que foram incorporados nos capítulos 1 e 2. O capítulo 3 incorpora informação antropológica gentilmente fornecida por Raquel Granja, a quem se agradece. Os restantes capítulos são da responsabilidade do primeiro signatário.

¹ Arqueólogo. Professor Catedrático da Universidade Aberta (Lisboa); Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

² Arqueólogos da Neoépica, Lda. neopica@gmail.com



Fig. 1 – Localização da sepultura na antiga margem norte do estuário do Tejo.

2 – O CONTEXTO

O contexto mais antigo registado nas escavações realizadas corresponde a uma inumação em fossa, identificada no limite Nordeste do espaço edificado, aberta num patamar superior em relação à margem do rio, nas proximidades dos edifícios cujo acesso se fazia pela Travessa de São João da Praça e da qual já existe publicação preliminar (REBELO *et al.*, 2017). Deste modo, o presente contributo destina-se a aprofundar os considerandos ali apresentados, bem como a completar a informação já disponibilizada, através da apresentação e discussão da cronologia absoluta, só agora possível por via de datação pelo radiocarbono de uma porção de osso humano, providenciada pelo primeiro signatário, bem como do estudo do espólio faunístico e lítico associado à tumulação, também da sua responsabilidade, para além da apresentação das características antropológicas do indivíduo inumado, as quais se devem a Raquel Graja, que muito se agradecem .

Trata-se de uma estrutura negativa, correspondente a uma fossa sepulcral escavada em sedimentos arenosos estéreis, de coloração alaranjada, identificada numa zona adjacente aos alicerces do antigo palácio dos Condes de Coculim.

A presença desta estrutura negativa foi de início revelada por uma mancha mais escura que os sedimentos envolventes, de coloração acastanhada, com a presença de algum material de sílex e fauna mamalógica, distinguindo-se no limite Norte da fossa, alguns fragmentos correspondentes a um vaso de pasta muito friável, a par de diversos blocos pétreos (Fig. 2).

Importa referir que, enquanto o vaso se encontrava bem enterrado no interior da fossa, encostado à sua parede norte, os restantes espólios – restos faunísticos e de pedra lascada – não se desenvolviam em profundidade no enchimento da fossa limitando-se essencialmente a esta camada.

O prosseguimento da escavação da estrutura revelou a escassa profundidade desta, cerca de 10 cm, possuindo contorno elipsoidal. Esta situação explica-se pelo facto de a fossa ter sido quase totalmente arrasada



Fig. 2 – Aspecto geral da fossa observando-se camada depositada sobre o nível da inumação, embalando blocos calcários heterométricos. O topo do vaso pode ver-se no limite da fossa, evidenciando-se a pasta de coloração negra. Foto Neoépica, Lda.



Fig. 3 – Aspecto geral da fossa, evidenciando-se o corte no terreno que a seccionou do lado ocidental. Observam-se diversos ossos longos em conexão anatômica: da esquerda para a direita, em primeiro plano, fémur esquerdo; fémur direito; cubito esquerdo; rádio esquerdo; humero direito; humero esquerdo e costelas do lado esquerdo. Acima das costelas, jaz o vaso, fragmentado *in situ*. Foto Neoépica, Lda.

em consequência das intensas afetações, sofridas ao nível do solo, pelo menos desde a época medieval islâmica, à adaptação, nos séculos XIX-XX, do respectivo espaço a função de carácter industrial.

Verificou-se que o enchimento da fossa era composto, de cima para baixo, por um primeiro depósito de cor castanha e consistência compacta, com escasso material arqueológico e faunístico, que cobria o depósito castanho-escuro e compacto onde se registou a inumação (Fig. 3).

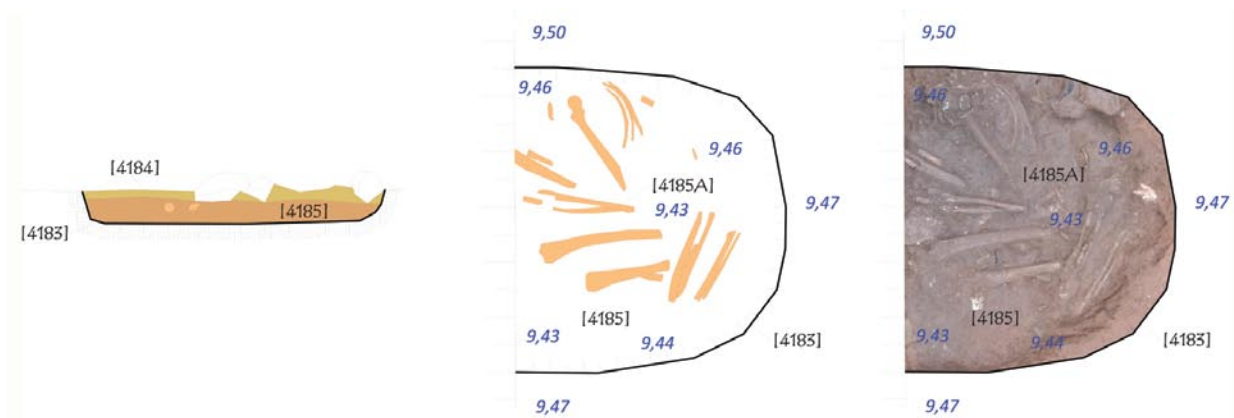


Fig. 4 – Integração gráfica dos restos humanos identificados no interior da fossa e sequência estratigráfica nela observada. Neoépica, Lda.

O rebaixamento dos solos que integravam a plataforma desde a época romana, pode explicar a ausência de quaisquer outras evidências de presença humana daquela época no espaço em questão, assumindo, por conseguinte, esta ocorrência, importância ímpar para o conhecimento das práticas funerárias do Neolítico Antigo do Ocidente Peninsular.

3 – O ENTERRAMENTO

O fundo da fossa, aparentemente aplanado, era ocupado pela inumação de um indivíduo em conexão anatómica, em decúbito lateral direito, com os membros flectidos e orientação NO-SE (Fig. 4). A cabeça estaria voltada para Noroeste. No geral, o conjunto apresenta-se em bom estado de conservação, embora fragmentado e com a ausência, como acima se referiu, sobretudo do crânio, devido à construção dos alicerces do palácio em época moderna, que seccionou a parte oeste da fossa.

Trata-se de um indivíduo cuja idade à morte deveria ser de mais de 17 anos (cabeça das costelas fundidas (RÍOS & CARDOSO, 2009), com desgaste dentário quase inexistente ao nível do segundo molar inferior, que começa a erupcionar aos 12 e termina aos 15 anos (UBELAKER, 1978).

Não foi possível determinar o sexo e não se observaram alterações osteológicas. Na dentição, conservada em fragmento mandibular conservado, observa-se a ausência de erupção do segundo pré-molar, com retenção do segundo molar decidual, o qual apresenta um desgaste acentuado que levou a perda quase total da coroa. Na restante dentição o desgaste é muito ligeiro ou quase inexistente como no caso dos segundos molares superiores e inferiores.

Não se observaram cáries dentárias e o cálculo dentário está presente na maior parte da dentição sob forma de linha, sendo também observáveis hipoplasias lineares do esmalte dentário, principalmente no canino inferior esquerdo.

Não apresenta alterações de forma ou de cor dos segmentos ósseos, embora a quase totalidade destes se apresente em conexão anatómica.

4 – O ESPÓLIO

4.1 – O recipiente cerâmico

O recipiente encontra-se incompleto e fragmentado, em resultado do esmagamento sofrido *in situ*, de que resultou a sua fracturação *in situ*, acompanhada da remoção da sua parte superior, aquando do rebaixamento



Fig. 5 – Pormenor de porção do vaso recuperado, fracturado *in situ*, integralmente decorado pela técnica “boquique”, evidenciando-se o mau estado de conservação da superfície e do próprio suporte, que se apresenta muito frável. Foto Neoépica, Lda.

da fossa onde o mesmo jazia, conforme acima se referiu. Jazia encostado à parede norte da fossa, atingindo o fundo desta correspondendo assim a uma deposição primária, acompanhante da do próprio indivíduo ali sepultado.

O recipiente possui forma comum em exemplares do Neolítico Antigo: o colo é estreito, a que se sucede um bojo largo, de formato parabolóide que termina em fundo convexo, encontrando-se munido de duas asas com perfuração horizontal para suspensão, na parte mais alargada do colo.

Apesar de as superfícies do recipiente se encontrarem muito alteradas e frágeis, o que obrigou a um cuidado trabalho de restauro, que respeitou a posição relativa dos fragmentos recolhidos, foi possível identificar a técnica decorativa utilizada, a do “puncionamento arrastado”, também designada por “boquique”, ou “punta y raia” (Fig. 5), a qual se afigura exclusiva.

Abaixo do bordo, do qual não se conservou nenhum fragmento, observam-se nitidamente pelo menos três linhas horizontais. Após um espaço desprovido de decoração, o bojo é ocupado por três linhas de grinaldas paralelas, dispostas horizontalmente com a convexidade para baixo, formando uma banda contínua, desenvolvendo-se inferiormente, depois de espaçamento em branco, três linhas horizontais contínuas, de onde pendem séries de métopas verticais, espaçadas entre si, formadas por várias linhas paralelas (Fig. 6 e Fig. 7).

A presença da técnica “boquique” em produções do Neolítico Antigo é frequente no ocidente peninsular, tanto nas estações do Maciço Calcário Estremenho (CARVALHO, 2009) como na região da Baixa Estremadura e Baixo vale do Tejo, na qual o exemplar agora estudado se insere. Assim, foi registada em estações pertencentes a fase recuadas do Neolítico Antigo, como é o caso da gruta do Correio-Mor, Loures, onde duas datações, uma sobre ossos humanos, outra sobre carvões, deram resultados coerentes situando a respectiva ocupação funerária em termos gerais no terceiro quartel do 6.º milénio a.C, entre cerca de 5480 e 5200 cal BC (CARDOSO, 2010). Infelizmente, não foi possível identificar a disposição anatómica dos restos humanos datados, nem garantir a efectiva associação dos escassos fragmentos cerâmicos com decoração “boquique” às referidas datações. Importa referir esta situação, visto que datações mais recentes, ainda inéditas obtidas

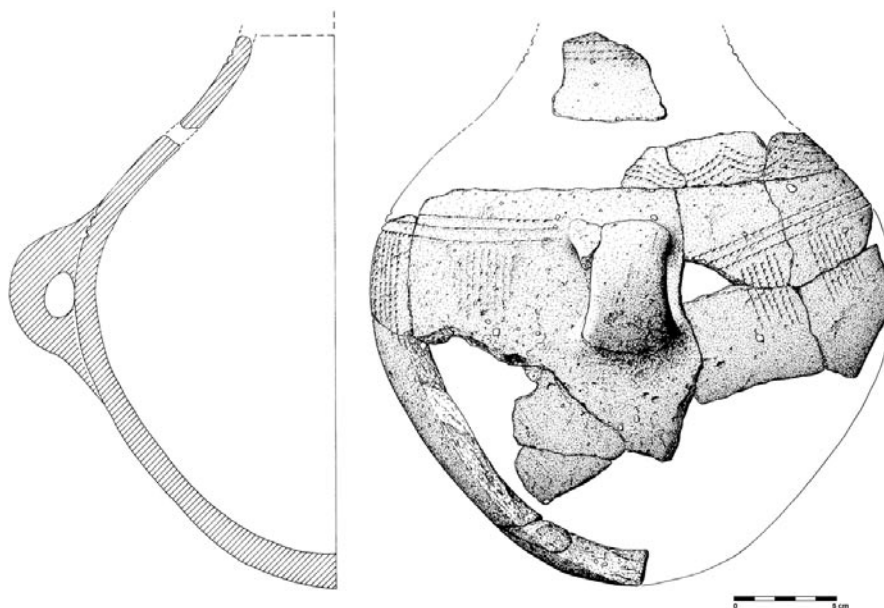


Fig. 6 – O vaso recuperado. Desenho de F. Martins.



Fig. 7 – Reconstituição tridimensional do vaso, com base no desenho dele efectuado. Foto G. Cardoso.

por um de nós, forneceram datas mais modernas para a utilização funerária da gruta, uma delas compatível com o Neolítico Médio (WK-42693 – 4787 ± 20 BP), correspondente a intervalo para 2σ , de 3640-3520 cal BC.

Outro sítio das proximidades que forneceu produções cerâmicas decoradas com a técnica “boquique”, foi a Pedreira das Salemas, onde se obteve datação de ossos humanos (ICEN-351 – 6020 ± 120 BP), resultantes de enterramentos realizados nas fendas dos calcários carsificados aflorantes, a que corresponde o intervalo

aproximado de 5300-600 cal BC (CARDOSO *et al.*, 1996). Uma recente datação, até ao presente inédita, obtida para um fragmento mandibular ali recolhido, deu o seguinte resultado (datação obtida por iniciativa do primeiro autor): Wk 45141 – 494421 BP, resultado a que corresponde o intervalo, para 2σ , de 3770-3650 cal BC.

Verifica-se assim que, tal como a gruta do Correio Mor, o local conheceu uma utilização funerária de ampla diacronia, inscrevendo-se os materiais neolíticos publicados, pela tipologia, no intervalo cronológico mais antigo.

Já no casco urbano antigo da cidade de Lisboa, a estação da Encosta de Sant'Ana forneceu um importante conjunto de cerâmicas decoradas com a técnica boquique. Avultam dois vasos decorados, um deles globular, munido de asas em fita que partem do bordo do recipiente, muito idêntico ao exemplar agora estudado, decorado por uma banda de cinco linhas horizontais paralelas abaixo do bordo (CARDOSO & COSTA, 2006, Fig. 3). A cronologia desta ocupação foi já discutida em trabalho anterior do primeiro autor, considerando-se que a única datação fiável corresponde à obtida sobre conchas de *Mytilus* sp. provenientes de uma fossa, cujo resultado obtido, depois de corrigido para o efeito oceânico e de calibrada, foi de 607060 BP, o qual indica época de transição do 5.º para o 4.º milénio a.C (CARDOSO, 2010), sendo deste modo compatível com a tipologia dos espólios cerâmicos recuperados.

A sul do Tejo, na estação do Casal da Cerca, Palmela, de que se conhece datação (β 235886-6160 – 50 BP), que permitiu situar a respectiva ocupação para 2σ entre 5226-4957 cal BC, recolheram-se 3 exemplares decorados com a técnica “boquique” (SOARES & SILVA, 2014, Quadro 24), dos quais um poderia corresponder a grinalda (*op. cit.*, Fig. 27, n.º 2).

A presença de grinaldas executadas pela técnica “boquique” observa-se também na gruta natural da Casa da Moura, situada já na Média Estremadura, onde tais exemplares (CARDOSO, 2015, Fig. 19) podem ser associados a datação de ossos humanos (TO-953), cujo intervalo obtido a 2σ , foi de 5020-4720 cal BC (ZILHÃO, 2000; CARVALHO & CARDOSO, 2010-2011). No entanto, tal como já se verificava em duas estações acima referidas, existem do mesmo sítio arqueológico outras datas, igualmente obtidas sobre restos humanos mais tardias, reportáveis ao Neolítico Médio e até a épocas ulteriores, compatíveis com espólios recolhidos na cavidade (CARVALHO & CARDOSO, 2010-2011).

Mais para Norte, avultam dois exemplares, sem dúvida os de maior interesse comparativo para o exemplar que agora se dá a conhecer. Trata-se do vaso globular, ainda que aparentemente desprovido de asas, igualmente decorado com grinaldas produzidas pela técnica “boquique”, que se desenvolvem abaixo de uma banda de cinco linhas horizontais sob o bordo, oriundo da conheira de Penhascoso, Mação (PEREIRA, 1974, Est. XVI, n.º 36), onde se recolheram materiais de diversas épocas, relacionados com exploração aurífera de curso de água da bacia hidrográfica do Tejo.

Aquela ocorrência, já de si muito próxima da decoração exibida pelo vaso em estudo, é por seu turno geograficamente vizinha da que revela maiores afinidades com o vaso de Lisboa: trata-se de exemplar esférico recolhido em tumulação da Camada D da Gruta do Cadaval, Tomar (OOSTERBEECK, 1985, p. 159). O padrão decorativo deste vaso é muito idêntico ao da Conheira do Penhascoso e ao agora estudado, ostentando grinaldas executadas pela técnica “boquique” pendentes de uma banda reticulada abaixo do bordo, que se apresenta denteado. De referir que o desenho apresentado do mesmo na referida publicação não é claro quanto à técnica utilizada na sua decoração, a qual foi confirmada ao primeiro signatário por L. Oosterbeeck (informação pessoal, 23.06.2017). De acordo com a informação verbal então prestada, o exemplar foi reutilizado já incompleto, associado ao referido enterramento, o qual foi integrado no Neolítico Médio (TOMÉ & OOSTERBEECK, 2011). Duas datações sobre restos humanos foram comunicadas ao primeiro signatário por L. Oosterbeeck, da Camada D, correspondentes a duas tumulações: ICEN-804 (5390 – 50 BP) e ICEN-464 (5160 – 50 BP) as quais, para um intervalo de confiança de 2σ , correspondem respectivamente aos seguintes intervalos: 4341-4057 cal BC e

4146-3798 cal BC, as quais fazem corresponder aquele nível funerário à transição do Neolítico Antigo para o Neolítico Médio, de acordo com recente proposta (CARDOSO, 2015).

Na margem esquerda do Baixo Tejo, a técnica “boquique” foi identificada com profusão na estação dos Cortiços, Almeirim (CARDOSO, CARVALHO & GIBAJA BAO, 2013), embora, infelizmente, não tenha sido possível a obtenção de elementos sobre a cronologia absoluta da ocupação; um pouco mais a jusante, a estação das Casas Novas, Coruche, forneceu elementos decorados com a mesma técnica, mas a datação, obtida sobre amostra de carvão de espécie indeterminada (Beta 310057) afigura-se demasiadamente antiga para representar a data da referida ocupação, como aliás é admitido pelos autores, correspondendo ao intervalo de 5660-5540 cal BC a 2σ (GONÇALVES & SOUSA, 2015).

Mais para o interior do território, na estação do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora, recuperaram-se produções cerâmicas com a mesma técnica decorativa; obteve-se datação sobre carvão de espécie indeterminada (Beta 153914), correspondente ao intervalo a 2σ de 5040-4790 cal BC, compatível com o Neolítico Antigo Evolucionado do nosso território (DINIZ, 2011).

Cronologia mais recente corresponde à ocorrência do mesmo tipo de produções no Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas), com base na datação de carvões recolhidos numa lareira da Camada Eb-topo (CARVALHO, 2009, Quadro 18, e A. F. Carvalho, informação pessoal a J.L.C., 24.06.2017).

Face ao exposto, pode concluir-se que a técnica “boquique”, embora se conheça em contextos estremenhos do Neolítico Médio, ocorre principalmente em contextos atribuídos, pela cronologia absoluta, ao Neolítico Antigo Evolucionado, cronologicamente situáveis entre os finais do 6.º milénio e o primeiro quartel do 5.º milénio a.C, correspondendo assim a uma fase de plena diversificação das técnicas e dos padrões decorativos exibidos pelas respectivas produções cerâmicas, embora possa estar completamente ausente em diversas estações da mesma época, onde se identificaram ricos conjuntos de cerâmicas decoradas, como é o caso da gruta da Furninha, Peniche (CARDOSO & CARVALHO, 2010-2011) ou a estação do Carrascal, Oeiras (CARDOSO, 2015), por razões que dificilmente se podem reportar a aspectos de cronologia absoluta.

Por outro lado, os motivos de grinaldas presentes no vaso em estudo, foram obtidos, no Neolítico Antigo, por outras técnicas que não a do “boquique”, sugerindo a dependência da técnica ao motivo que se pretendia obter; por outras palavras, a técnica era apenas um meio, a finalidade era a obtenção do efeito decorativo pelo meio mais simples ou eficaz, sendo presente o objectivo a atingir. Exemplo desta realidade é o vaso do Monte da Vinha (Santiago do Cacém), decorado por grinaldas unindo as três asas em fita existentes no bojo do recipiente, obtidas pela impressão (mas não arrastada, uma vez que não produziu sulco contínuo) de um punção aplicado mais ou menos perpendicularmente à superfície ainda mole a decorar (GAMNA, 2005; CARVALHO, 2011; GONÇALVES & SOUSA, 2017). Noutros casos, é a técnica “boquique” que convive com outras técnicas decorativas no mesmo exemplar, como é patente no vaso de Casével (CARVALHO, 2011), sublinhando, uma vez mais, o primado da decoração pretendida sobre a técnica, escolhendo-se, em cada caso, aquela que se afigurava mais eficaz face ao fim pretendido.

4.2 – Indústrias líticas

No escasso enchimento que subsistia da fossa, imediatamente acima da deposição do corpo no fundo da mesma, recolheram-se diversos artefactos líticos, todos de sílex cinzento-esbranquiçado, de origem próxima, já que tal matéria-prima poderia ser facilmente obtida nos calcários cretácicos do Cenomaniano Superior que afloravam mais a jusante, marginando a orla ribeirinha da margem direita do Tejo, entre a antiga praia de Santos e Alcântara, até à confluência com a antiga ribeira do mesmo nome. Exceptuam-se duas esquirolas

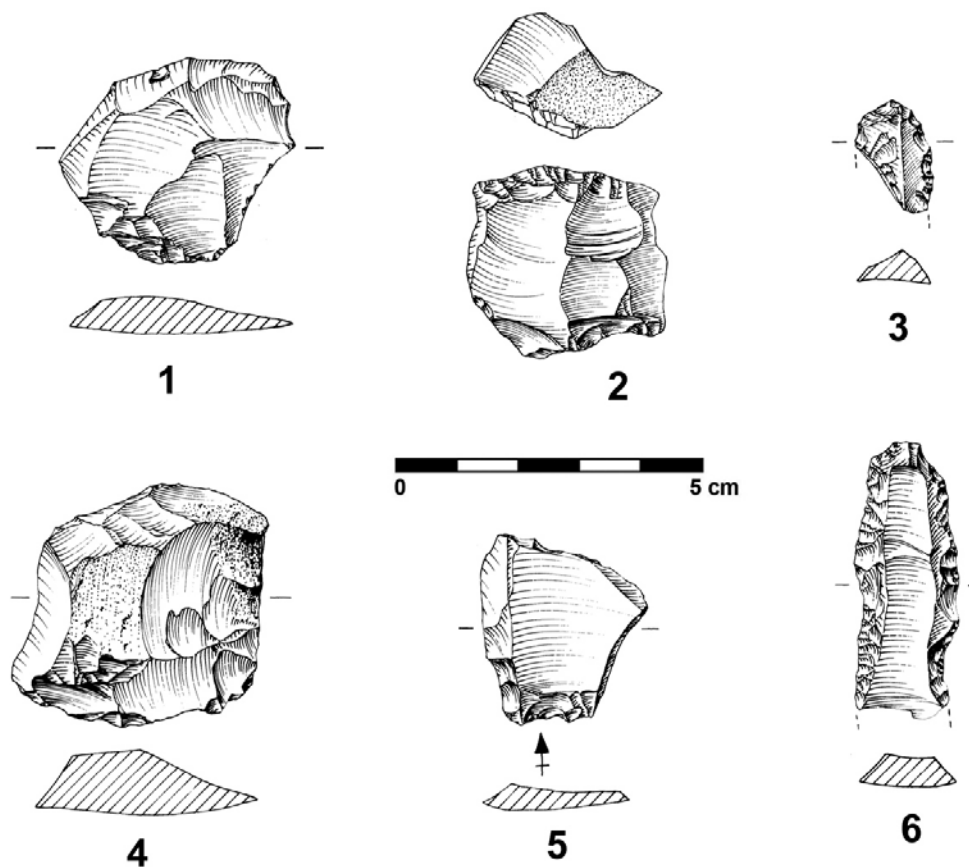


Fig. 8 – Espólios de sílex recolhidos no depósito residual do enchimento da fossa, acima da inumação. Desenhos de F. Martins.

de seixos de quartzito, um deles avermelhado, indício de ter sofrido ações térmicas, talvez em resultado de utilização em empedrado-calorífero.

Das 17 esquirolas, lascas e restos de talhe de sílex, representam-se apenas 2 lascas (Fig. 8 n.ºs 1 e 5). Identificaram-se também um núcleo de lascas, cujo brilho mate sugere lascamento térmico (Fig. 8, n.º 2), um fragmento de núcleo (Fig. 8, n.º 4), e apenas dois instrumentos: uma lâmina com lascamento térmico, retocada nos bordos laterais (Fig. 8, n.º 6) e uma ponta retocada incompleta (Fig. 8, n.º 3). Trata-se de conjunto demasiado pobre, mas que se afigura compatível com a época do enterramento.

A larga predominância de esquirolas e lascas de talhe, é indicador claro de uma ocupação de carácter habitacional situada na adjacência do local onde se procedia ao talhe do sílex a partir de massas facilmente obtidas no trecho litoral a jusante acima indicado.

4.3 – Restos faunísticos

Conjuntamente com os materiais líticos acima mencionados, recolheu-se um pequeno mas muito heterogéneo e diversificado conjunto faunístico, assim constituído (Fig. 9):

Bos taurus (boi doméstico)

– Uma esquirola, correspondente a fragmento da tábua frontal proximal de metápodo, roída nas duas extremidades (Fig. 9, n.º 6);



Fig. 9 – Conjunto faunístico recolhido no depósito residual do enchimento da fossa, acima da inumeração. Foto de J. L. Cardoso..

- Uma porção distal de metápodo, conservando uma das trócleas (Fig. 9, n.º 8);
- Uma primeira falange completa (Fig. 9, n.º 5);
- Uma primeira falange incompleta, conservando parte da articulação distal;
- Uma primeira falange incompleta, de indivíduo distinto da anterior, conservando parte da articulação proximal.

Ovis aries/Capra hircus (ovelha doméstica/cabra doméstica)

- Um incisivo central;
- Um M/1-M/2 esquerdo com escasso desgaste (Fig. 9, n.º 3);
- Uma porção de omoplata conservando a articulação com o húmero (Fig. 9, n.º 2);
- Uma esquirola de metatársico, conservando parte da superfície articular proximal (Fig. 9, n.º 4);

Sus domesticus (porco doméstico)

- Um fragmento de omoplata de indivíduo de pequeno tamanho, talvez juvenil (Fig. 9, n.º 1) .

Restos inclassificáveis

- Onze esquirolas evidenciando na maior parte dos casos fracturas intencionais (Fig. 9, n.º 7).

O conjunto faunístico recolhido, onde avulta a total ausência de restos malacológicos, ao contrário do que seria de esperar dada a implantação do local, bem como a economia de sítios com implantação homóloga e da

mesma época, evidencia a existência de uma sociedade economicamente estável, baseando a sua alimentação mamalógica exclusivamente em espécies domésticas, que indicam assinalável estágio de sedentarização. Apenas uma esquirola de osso longo de ovelha ou cabra apresenta escurecimento pelo fogo, sugerindo a prática de churrascos, a menos que se trate de um resto atirado para o lume, por forma a abastecer a combustão.

Por outro lado, do conjunto não se evidencia qualquer cunho ritual, dado integrar restos que nalguns casos se apresentam roídos, como é o caso de uma esquirola de metápodo de boi, indício de consumo secundário em ambiente doméstico, provavelmente por cães (Fig. 9, n.º 6); outros restos apresentam-se muito fracturados, reduzidos a pequenas esquirolas, muito distintas das oferendas de carne de carácter votivo, como segmentos anatómicos bem conservados, que no caso não estão presentes. Pelo contrário, os três restos de primeiras falanges de boi doméstico identificados correspondem a segmentos anatómicos de escasso interesse alimentar, não fazendo sentido a sua presença, na hipótese de constituírem uma oferenda, até por corresponderem a elementos isolados, desprovidos de conexão anatómica. O mesmo se poderá dizer da assinalável heterogeneidade de espécies presentes, embora sempre representadas por escasso número de exemplares.

A realidade observada afigura-se, pois, totalmente contrária à que seria de esperar encontrar numa oferenda ritual de carne, que corresponderia a assinalável presença de restos atribuíveis a número muito reduzido de espécies, ou mesmo a uma única espécie, e sobretudo representados por segmentos bem conservados e até em conexão.

Para o conhecimento da dieta alimentar da população representada pelo indivíduo em apreço, importa ter também presente os valores de $\delta^{15}\text{N}$ e de $\delta^{13}\text{C}$ indicados pelo laboratório para esta amostra. Tais valores são, respectivamente, de 13,60 e de -15,19, a que correspondem uma alimentação maioritariamente marinha.

Aquele resultado é compatível com a implantação do sítio, mas contradiz o registo faunístico encontrado, dada a total ausência de fauna malacológica.

Assim sendo, a conclusão que se afigura mais provável será a de fazer corresponder o conjunto estudado lítico e faunístico proveniente do enchimento da fossa acima da tumulação nela efectuada, essencialmente a um depósito de sedimentos recolhidos na área habitada adjacente – não identificada no decurso da escavação realizada – à semelhança da prática identificada em Castelo Belinho. Essa hipótese explicaria a presença de restos de fauna doméstica, a par de resíduos de talhe, acabando deste modo por conferir eventualmente ao depósito um cunho ritual, ainda que este não se encontre conotado a oferenda cárnica.

5 - DATAÇÃO ABSOLUTA

Amostra de osso longo foi submetida pelo primeiro signatário a datação pelo radiocarbono por AMS tendo-se obtido o seguinte resultado:

Wk-45573 – 6315 ± 24 BP.

Este resultado, depois de calibrado forneceu o seguinte intervalo, para 2σ : 5200 – 4890 cal BC (Fig. 10).

Trata-se, pois, de sepultura em fossa do Neolítico Antigo Evolucionado, conforme já indicava o estudo tipológico do vaso, apresentado no estudo preliminar publicado em 2017.

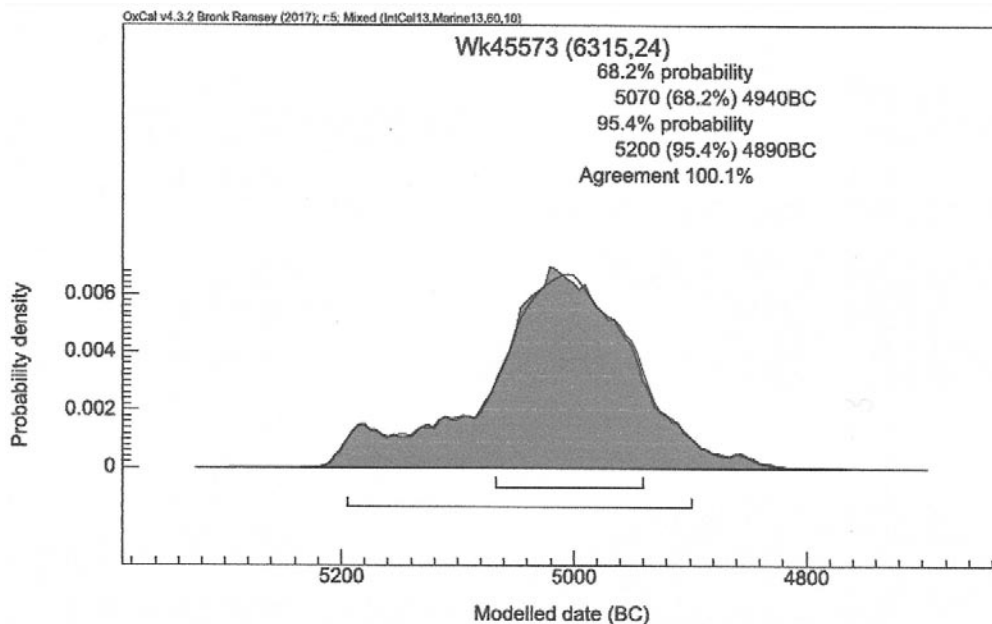


Fig. 10 – Resultados da datação de radiocarbono obtida no laboratório da Universidade de Waikato (Nova Zelândia).

6 - DISCUSSÃO

A tipologia da sepultura em apreço possui diversos paralelos no sudoeste peninsular, área com a qual importa estabelecer comparações. Entre todos, avulta a estação de El Retamar, no litoral de Cádiz, perto de Puerto de Santa María. Ali, foi identificado um povoado aberto, numa lomba do terreno e a 800 m do mar. No espaço habitado, pontuado por numerosas estruturas relacionadas com diversas actividades domésticas, foram reconhecidas duas sepulturas correspondendo à deposição de corpos em covachos pouco fundos abertos no terreno (RAMOS MUÑOZ & LAZARICH GONZÁLEZ, 2002). A primeira sepultura era representada pelos restos muito incompletos de um indivíduo; a segunda integrava restos de dois indivíduos, o mais antigo muito completo, com excepção do crânio, deslocado aquando da deposição do indivíduo mais recente, apenas representado pela mandíbula (BUENO SÁNCHEZ, 2002). A conexão anatómica evidenciada pelos ossos do indivíduo mais completo indica uma deposição em decúbito dorsal, com as pernas flectidas e pelo menos um dos braços (o direito) colocado ao longo do corpo, com base na fotografia apresentada. Uma datação obtida sobre conchas, conforme se depreende da respectiva descrição apresentada (STIPP & TIMERS, 2002), recolhidas numa lareira, deu o resultado de 6780 ± 80 BP. Este resultado, foi calibrado após subtracção de 380 ± 30 anos para correcção do efeito de reservatório oceânico, obtendo-se o resultado a 2σ , de 5470-5143 cal BC (ZILHÃO, 2001, Table 1). Estranha-se que não tenha ocorrido aos arqueólogos responsáveis obter uma datação directa de um fragmento de osso humano, evitando toda a incerteza resultante de uma datação como a realizada em estação tão relevante.

Seja como for, é certo que se trata de duas tumulações do Neolítico Antigo e, conseqüentemente, coevas da sepultura em apreço.

Na estação do Campo de Hockey, na antiga ilha de San Fernando, na baía de Cádiz, reconheceu-se, igualmente em espaço doméstico, a existência de diversos tipos de estruturas negativas de carácter sepulcral, as quais continham enterramentos simples, havendo apenas um caso de um enterramento duplo e simultâneo, na qual os corpos se encontram em decúbito lateral, com pernas flectidas e abraçados (VIJANDE VILLA,

2009). Os restantes indivíduos possuem em geral os membros flectidos em posição de decúbito dorsal, como acontece com a sepultura em estudo. Uma datação obtida em osso de um dos enterramentos (enterramento 10) forneceu o intervalo, para 2σ , de 3948-3708 cal BC, indicando o primeiro quartel do 4.º milénio a.C

No território português, avulta o sítio de Castelo Belinho (Silves), com evidentes semelhanças com o sítio gaditano. Com efeito, trata-se igualmente de um povoado no interior do qual se realizaram 30 tumulações individuais, em cavidades escavadas no solo, de diversas tipologias, por vezes reaproveitando silos (GOMES, 2012). As sepulturas integram o espaço habitado, podendo admitir-se que se concentrariam num terreiro delimitado pelas casas, podendo algumas delas ter sido construídas por baixo das próprias habitações, embora não necessariamente no decurso da sua utilização. Apenas uma das sepulturas continha restos de duas tumulações. As posições dos inumados, quando determináveis, indicam deposições em decúbito lateral, com os membros flectidos, exceptuando-se um caso, em decúbito dorsal e com as pernas flectidas para trás.

No interior alto alentejano, a escavação do sítio de Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora) forneceu outro paralelo interessante: trata-se, igualmente, de um sítio habitacional, associado a uma necrópole constituída por diversas sepulturas em fossa, das quais apenas uma se não apresentava estruturada (ALBERGARIA, 2007). Esta continha restos de 4 indivíduos, tendo-se recolhido diverso espólio arqueológico tanto no nível das deposições como no nível superior; a cronologia, pela tipologia dos materiais encontrados foi situada entre a 2.ª metade do 5.º milénio e a 1.ª metade do 4.º milénio a.C sendo, desta forma, tal como as estações de Campo de Hockey e Castelo Belinho, um pouco mais recentes que a ocorrência em estudo, situando-se no Neolítico Médio.

7 – CONCLUSÕES

1 – estudou-se uma sepultura em fossa, no fundo da qual foi depositado indivíduo em decúbito lateral com pernas e braços flectidos e coberto por terras com escassos espólios líticos e restos faunísticos. Esta posição é a dominante na generalidade das necrópoles congéneres que foram compulsadas no sudoeste peninsular, e revela claramente cunho ritual, relacionado com a própria forma do receptáculo, conotado ao óvulo primordial. No geral, o conjunto apresenta-se em bom estado de conservação, embora fragmentado e com a ausência do crânio devido ao seccionamento da fossa, do lado ocidental, pelo construção dos alicerces do palácio em época moderna.

2 – A cronologia do enterramento situa-se na transição do 6.º milénio para o 5.º milénio a.C, integrando-se assim no Neolítico Antigo Evolucionado, conforme o resultado de análise de radiocarbono obtida sobre fragmento de osso longo, sendo compatível com a tipologia do vaso cerâmico acompanhante. Trata-se de um dos mais antigos enterramentos no seu género conhecidos no sudoeste peninsular: apenas as 2 tumulações de El Retamar (Cádiz) lhe são cronologicamente comparáveis, e até um pouco mais antigas, embora neste caso a data não tenha sido obtida sobre um resto ósseo do referido indivíduo, como seria de todo conveniente. À transição do Neolítico Antigo Evolucionado para o Neolítico Médio, ou já ao Neolítico Médio, pertencem as necrópoles de Campo de Hockey (Cádiz), e, no território português, as de Castelo Belinho e Atafonas.

3 – Característica comum a todas as necrópoles compulsadas é o de se situarem em áreas residenciais, confundindo-se assim ambos os espaços. É excepção, aparentemente, a sepultura de Lisboa. Mas tal pode ficar a dever-se, simplesmente, aos rebaixamentos dos solos que integravam a plataforma onde se abriu a fossa desde a época romana, que terão removido outros registos reportáveis ao mesmo período, incluindo, muito provavelmente, outras sepulturas existentes nas áreas adjacentes. Prova de que nas imediações

teria existido uma ocupação de tipo residencial é o conjunto lítico recuperado, o qual, apesar de escasso, é largamente dominado por esquirolas e lascas de talhe, indicio da existência de uma oficina nas proximidades. A tal evidência acresce o conjunto faunístico exumado. Com efeito, as suas características são compatíveis com restos de consumo doméstico, e não com oferta ritual de carne que tivesse sido depositada no interior da fossa. Sendo assim, é lícito admitir que tais restos pudessem ter sido embalados em terras oriundas do povoado próximo, depositadas no interior da fossa, num nível superior ao da tumulação. Tenha-se, no entanto, em consideração a total ausência de restos malacológicos, em clara contradição com o regime alimentar desta população, com base nos resultados da análise isotópica efectuada aos ossos humanos.

AGRADECIMENTOS

A Raquel Granja pelas informações gentilmente fornecidas sobre a antropologia do enterramento. A Luiz Oosterbeek e a António Faustino de Carvalho as informações relativas à tipologia do vaso, transmitidas ao primeiro signatário.

REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, J. (2007) – O sítio neolítico das Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10 (1), p. 5-35.
- BUENO SÁNCHEZ, O. (2002) – Estudio antropológico de los enterramientos aparecidos en “El Retamar”. In RAMOS MUÑOZ, J. & LAZARICH GONZÁLEZ, M. (ed.) – *Memoria de la excavación arqueológica en el asentamiento del VI º milenio a.n.e. de “El Retamar” (Puerto Real, Cádiz)*. Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, p. 115-119.
- CARDOSO, J. L. (2010) – O Neolítico antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. In GIBAJA, J. F. & CARVALHO, A. F. (ed.) – *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Loulé: Universidade do Algarve, p. 23-48 (Promontoria Monográfica 15).
- CARDOSO, J. L. (2015 a) – A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal). *5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2011)*. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 159-168.
- CARDOSO, J. L. (2015 b) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 93-138.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2010-2011) – A gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 333-392.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. V. (1996) – Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 9-26.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. & GIBAJA BAO, J. (2013) – O sítio do neolítico Antigo de Cortiçoís – Almeirim, Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p. 27-61.
- CARVALHO, A. F. (2009) – *A neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica 12).
- CARVALHO, A. F. (2011) – Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal. *Saguntum Extra-12*. (BERNABEU AUBÁN, J.; ROJO GUERRA, M. & MOLINA BALAGUER, L. (ed.) – *Las primeras producciones cerámicas: el VI Milenio cal AC en la Península Ibérica*. Valencia, p. 237-250.

- CARVALHO, A. F. & CARDOSO, J. L. (2010-2011) – A cronologia absoluta das ocupações funerárias da gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 393-406.
- DINIZ, M. (2011) – O povoado da Valada do Mato (Évora, Portugal). *Saguntum*. Valencia. 12 (extra), p. 255-258.
- GAMNA (2005) – O MNA recebe acervos notáveis: vaso do Monte da Vinha; espólio da gruta do Correio-Mor. *Boletim Informativo*. Lisboa. 5, p. 1.
- GOMES, M. V. (2010) – Castelo Belinho (Algarve): a ritualização funerária em meados do V milénio a.C. In (GIBAJA, J. F. & CARVALHO, A. F. (ed.) – *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos* Loulé: Universidade do Algarve, p. 69-79. (Promontoria Monográfica 15).
- GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (2015) – O sítio do Neolítico Antigo de Casas Novas (Coruche). Leituras preliminares. *5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2010)*. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 236-255.
- GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (2017) – Serra e mar. As antigas sociedades camponesas em Loulé (Algarve). *Loulé territórios, memórias, identidades*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal de Loulé, Imprensa Nacional, p. 60-146.
- MURALHA, J. & COSTA, C. (2006) – A ocupação neolítica da encosta de Sant’Ana (Martim Moniz, Lisboa). *IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004)*. Actas. Faro: Universidade do Algarve, 4, p. 157-169.
- REBELO, P.; NETO, N.; RIBEIRO, R. A.; GRANJA, R. & CARDOSO, J. L. (2017) – Primeira notícia sobre uma sepultura neolítica em fossa identificada nos antigos Armazéns Sommer, em Lisboa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 21, p. 158-160.
- OOSTERBEEK, L. (1985) – A fácies megalítica da gruta do Cadaval (Tomar). *I Reunião do Quaternário Ibérico (Lisboa, 1985)*. Actas. Lisboa: Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário, 2, p. 147-159.
- PEREIRA, M. A. H. (1974) – A conheira calcolítica do Penhascoso. *Arqueologia e História*. Lisboa. 2, p. 17-64.
- RAMOS MUÑOZ, J. & LAZARICH GONZÁLEZ, M. (2002) – *Memoria de la excavación arqueológica en el asentamiento del VI º milenio a.n.e. de “El Retamar” (Puerto Real, Cádiz)*. Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.
- RAMOS MUÑOZ, J. *et al.* (2002) – Excavación y estratigrafía. In RAMOS MUÑOZ, J. & LAZARICH GONZÁLEZ, M. (ed.) – *Memoria de la excavación arqueológica en el asentamiento del VI º milenio a.n.e. de “El Retama” (Puerto Real, Cádiz)*. Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, p. 23-50.
- RIBEIRO, R.; NETO, N.; REBELO, P. & ROCHA, M. (2014) – Dados Preliminares de uma Intervenção Arqueológica nos Antigos Armazéns Sommer (2014-2015). Três Mil Anos de História da Cidade de Lisboa. *I Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Câmara Municipal de Lisboa, p. 222-245.
- RÍOS, L. & CARDOSO, H. F. V. (2009) – Age estimation from stages of union of the vertebral epiphysis of the ribs. *American Journal of Physical Anthropology*. 140, p. 265-274.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (2014) – O habitat do Neolítico Antigo do Casal da Cerca (Palmela). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 15, p. 61-104.
- STIPP, J. J. & TIMERS, M. A. (2002) – Datación radiométrica. In RAMOS MUÑOZ, J. & LAZARICH GONZÁLEZ, M. (ed.) – *Memoria de la excavación arqueológica en el asentamiento del VI º milenio a.n.e. de “El Retamar” (Puerto Real, Cádiz)*. Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, p. 83.
- TOMÉ, T.; & OOSTERBEEK, L. (2011) – One region, two systems? A paleobiological reading of cultural continuity over the agro-pastoralist transition in the North Ribatejo. In BUENO-RAMIREZ, P.; CERRILLO CUENCA, E.; GONZALEZ CORDERO, A. (ed.) – *From the origins: the Prehistory of the inner Tagus region*. BAR International Series. Oxford. 2219, p. 43-54.

- VIJANDE VILLA, E. (2009) – El poblado de Campo de Hóche (San Fernando, Cádiz): resultados preliminares y líneas de investigación futuras para el conocimiento de las formaciones sociales tribales en la bahía de Cádiz (tránsito V-IV milenios A.N.E.). *RAMPAS, Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*. Cádiz. 11, p. 265-284.
- UBELAKER, D. H. (1978) – *Human skeletal remains: excavation, analysis and interpretation*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- ZILHÃO, J. (2000) – From the Mesolithic to the Neolithic in the Iberian Peninsula. In PRICE, T. D. (ed.), *Europe's first farmers*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 144-182.
- ZILHÃO, J. (2001) – Radiocarbon evidence for maritime pioneer colonization at the origins of farming in west Mediterranean Europe. *PNAS*. 98 (24), p. 14180-14185